Rudolf Steiner

# Os Doze Sentidos

## e os sete processos vitais

Conferência proferida em Dornach
(Suiça), em 12 de agosto de 1916

Tradução:
Christa Glass

Quando se fala em 'grande mundo' e 'pequeno mundo', em rnacrocosmo e microcosmo — como, por exemplo, Göethe o fez em seu *Fausto* —, fala-se do universo todo e do homem: o universo todo como sendo o grande mundo e o homem como sendo o pequeno mundo. O relacionamento entre o cosmo e o homem é, como já vimos em vários exemplos, múltiplo e bastante complicado. Hoje quero relembrar algumas coisas que já foram abordadas e ligar esta recordação a uma observação sobre o relacionamento do homem com o universo. Os Senhores recordam que, ao falar de nossos sentidos, daquilo que o homem é como portador de seus sentidos, afirmamos que esses sentidos receberam seu primeiro germe, seu primeiro impulso, durante o desenvolvimento do antigo Saturno.[1] Isso os Senhores já encontram nos vários ciclos [impressos] de palestras [proferidas por mim]. Mas é óbvio que não podemos imaginar que os sentidos, da maneira como surgiram no primeiro impulso, no primeiro germe, na época do antigo Saturno, já fossem tal qual são hoje. Evidentemente, isso seria uma insensatez. Já é mesmo extremamente difícil imaginar como eram os sentidos dos homens durante o desenvolvimento da antiga Lua. Nessa época, eles ainda eram bem diferentes do que são hoje. Eu gostaria, então, de esclarecer como eram esses sentidos em seu terceiro estágio de desenvoivimento[2] durante a evolução da antiga Lua.

A configuração que os sentidos humanos têm hoje é bem mais desvitalizada do que na época do desenvolvimento da antiga Lua. Naquela época, os sentidos eram muito mais vivos, eram órgãos muito mais cheios de vida. Em compensação, não eram apropriados para formar a base da vida totalmente consciente do homem; eram apropriados apenas para a antiga clarividência onírica do homem lunar, que se consumava com a exclusão de qualquer tipo de liberdade, de qualquer atitude ou impulso de desejo livres. A liberdade, como impulso, só pôde desenvolver-se no homem durante o período de evolução da Terra. Portanto, os sentidos ainda não eram a base para este tipo de consciência que possuímos durante a época terrestre; constituíam apenas a base para uma consciência que era mais indistinta e mais imaginativa do que a atual consciência terrena, e que se assemelhava, como já foi exposto várias vezes, à atual consciência de sonho.

O homem, tal como é hoje, admite cinco sentidos. Nós, porém, sabemos que isso é incorreto, pois na verdade temos de distinguir doze sentidos humanos. Todos os outros sete devem ser mencionados, além dos cinco usuais; trata-se de sentidos tão legítimos, para a época da Terra, como o são os cinco sentidos sempre mencionados. Os Senhores conhecem bem o modo como são enumerados: sentido da visão, sentido da audição, sentido do paladar, sentido do olfato e sentido tátil. Este último também é denominado sentido do tato, sendo que já não se faz uma distinção entre o tatear — isto é, o sentido do tato propriamente dito — e o sentido do calor, distinção essa que algumas pessoas já querem fazer. Em tempos passados, houve uma confusão entre o sentido do tato e o sentido do calor. Evidentemente, esses dois sentidos diferem totalmente um do outro. Por meio do sentido do tato, percebemos se algo é mole ou duro; o sentido do calor é completamente diferente. Mas quando temos um senso — se e que posso usar essa palavra — para perceber o relacionamento do homem com o resto do mundo, precisamos distinguir doze sentidos. Vamos enumerá-los mais uma vez:

O sentido do tato é aquele por cujo intermédio o homem se relaciona com a forma mais materializada do mundo exterior. Pelo sentido do tato o homem, de certa maneira, choca-se constantemente com o mundo exterior; é por meio dele que o homem se relaciona da maneira mais rude com o mundo exterior. Mesmo assim, porém, o processo do tatear transcorre na parte interna da pele do homem. Com sua pele, o homem bate contra o objeto. O que ocorre quando ele tem uma percepção de um objeto em que tocou

[1] Sobre a evolução cósmica, v., do Autor, *A ciência oculta,* trad. Rudolf Lanz (3. ed., 1991) e *A Crônica do Akasha,* trad. Lavínia Viotti (1994), por esta editora. (N.E.)

[2] Primeiro: Saturno; segundo: Sol; terceiro: Lua. (N.T.)

ocorre, evidentemente, no lado interior da pele, dentro do corpo. Portanto, o processo, a ocorrência do tatear acontece na parte interna do homem.

Num espaço do organismo humano ainda mais interno do que o do processo do sentido do tato, encontra-se o que podemos denominar sentido da vida. Trata-se de um sentido, no interior do organismo, a cujo respeito o homem não está habituado a pensar, porque esse sentido da vida atua, por assim dizer, de maneira abafada. Quando há algum distúrbio dentro do organismo, logo o percebemos. Mas geralmente nem notamos aquela ação conjunta de todos os órgãos que se manifesta, no estado cotidiano de vigília, como sentimento de vida, como disposição vital; e não a notamos por considerá-la um direito adquirido. Trata-se daquele sentimento que nos permeia com um certo bem-estar, um sentimento de vida. Quando esse sentimento de vida fica um pouco desgastado, nós procuramos restabelecer-nos para que ele se restaure novamente. Nós sentimos essa restauração e esse desgaste do sentimento de vida, só que geralmente estamos acostumados demais a ele para podermos percebê-lo sempre. Porém esse sentido — o sentido da vida, por cujo intermédio sentimos a vida em nós — existe nitidamente, da mesma maneira como vemos com nossos olhos um pouco do que nos cerca. Nós percebemos a nós mesmos com o sentido da vida, da mesma maneira como enxergamos com nossos olhos. Não teríamos noção alguma do nosso processo vital se não possuíssemos esse sentido interno da vida.

Mais interiorizado, mais corporalmente interiorizado do que o sentido da vida é o que podemos chamar de sentido do movimento. O sentido da vida percebe, de certa forma, a situação global do nosso organismo como um bem-estar, ou também corno um mal-estar. Ter um sentido do movimento significa perceber que os membros do nosso organismo se movimentam em conjunto. Não me refiro à situação em que o homem todo se movimenta — isso é algo diferente —, mas àquela em que curvamos um braço, curvamos uma perna; quando os Senhores falam, a laringe se movimenta; tudo isso — essa percepção do movimento interno, da mudança de posição de cada membro — nós percebemos com o sentido do movimento.

Além disso, precisamos perceber o que se pode chamar de equilíbrio. Nós quase tampouco o notamos. Quando sentimos tontura e caímos, desmaiamos, é porque o sentido do equilíbrio está interrompido, assim como o sentido da visão fica interrompido quando fechamos os olhos. Da mesma maneira como percebemos a mudança de posição interna, nós percebemos nosso equilíbrio ao simplesmente nos colocarmos em relação com os fatores *em cima, embaixo, à direita, à esquerda,* e nos posicionamos no mundo de maneira a sentir-nos dentro dele — a sentir que agora estamos de pé. Portanto, esse equilíbrio é percebido por nós por meio do sentido do equilíbrio. Trata-se de um sentido real.

Esses sentidos funcionam de tal forma que, na verdade, tudo acontece no interior do organismo. Quando tateamos, tocamos no objeto exterior mas não penetramos nele. Quando tocamos numa agulha e dizemos que ela é pontiaguda, evidentemente não penetramos nela porque nos picaríamos, mas isso já não seria mais tatear. Tudo isso, então, só pode acontecer em nosso próprio organismo. Nós tocamos realmente no objeto, mas o que vivenciamos como pessoas tateantes acontece dentro dos limites de nossa pele. Portanto, o que vivenciamos com o sentido do tato é algo que nos acontece interiormente, em nossa corporalidade.

O que vivenciamos com o sentido da vida também acontece interiormente em nossa corporalidade. Nós não vivenciamos o processo que ocorre aqui ou ali fora de nós, e sim o que está dentro de nós.

Temos a mesma coisa no sentido do movimento: não se trata de podermos andar para lá e para cá, mas daqueles movimentos que sinto em mim quando movimento meus membos ou quando falo; são, portanto, os movimentos internos que são compreendidos como sentido do movimento. Quando me movimento fora de mim, também me movimento dentro de mim. Temos de distinguir aqui duas coisas: meu movimento para a frente e a

posição dos membros o interior. Portanto, o sentido do movimento é percebido internamente, assim como o sentido da vida e o sentido do equilíbrio, com o qual nada percebemos exteriormente — aqui percebemos a nós mesmos em equilíbrio.

Já no caso do sentido do olfato, sairemos um pouco de nós. Com ele já entramos num relacionamento com o mundo exterior. Contudo, temos o sentimento de que ainda saímos muito pouco de nós com o sentido do olfato. São poucas as noções que, por meio dele, temos do mundo exterior. Além disso, o homem nem quer saber o que se pode experimentar no mundo exterior por meio do sentido do olfato. O cão, esse sim, já quer saber muito mais. É que, embora a princípio o homem queira perceber o mundo exterior pelo sentido do olfato, ele consegue pouco contato com esse mundo exterior. Não se trata [, pois,] de um sentido por cujo intermédio o homem queira relacionar-se mais intensamente com o mundo externo.

Com o sentido do paladar, o homem já quer ter um contato maior com o mundo exterior. Nós vivenciamos bastante interiormente as qualidades intrínsecas do açúcar, do sal, ao degustá-los. O exterior já vai sendo bastante interiorizado, mais do que com o sentido do olfato. Portanto, já existe [aqui] um maior relacionamento entre o mundo exterior e o mundo interior.

Isso acontece mais ainda no caso do sentido da visão; com ele nós já interiorizamps muito mais das características do mundo exterior. E mais ainda com o sentido do calor, O que percebemos por meio da visão ainda nos é mais estranho do que o que percebemos com o sentido do calor. Por meio do sentido do calor, nós já temos um relacionamento muito íntimo com o mundo exterior. Quando temos a sensação de frio e calor num objeto, vivemos intensamente essa relação com o objeto. Na doçura do açúcar, por exemplo, vivenciamos menos o objeto, pois o que nos interessa no açúcar é o que ele se torna em nosso paladar, e então nos interessamos menos pelo que está fora. Com o sentido do calor, já não podemos mais distinguir isso. Com ele já vivenciamos intensamente o interior do objeto percebido.

Nós nos relacionamos de maneira ainda mais íntima com o interior do mundo externo pelo sentido da audição. O som já nos revela muita coisa da configuração interna do exterior, bem mais do que o calor e muito mais do que o sentido da visão. O sentido da visão nos dá, por assim dizer, a imagem da superfície. O sentido da audição nos revela quando o metal começa a soar, como ele é em seu interior. Com o sentido do calor, também já penetramos no interior. Quando pego, por exemplo, um pedaço de gelo, convenço-me de que não só sua superfície é fria, mas também todo ele por dentro. Quando olho para alguma coisa, vejo a cor como limite de superfície; mas quando faço alguma coisa soar, percebo, de certo modo, intimamente o interior daquilo que está soando.

Nós percebemos o som de maneira mais íntima quando este adquire um sentido. Portanto, para o sentido do som, 'som da fala, da palavra' talvez fosse uma designação melhor. É uma insensatez acreditar que a percepção da palavra seja a mesma coisa que a percepção do som. Trata-se de percepções tão diferentes quanto paladar e visão. No som, percebemos de fato o interior do mundo externo, mas esse interior do mundo externo ainda se interioriza mais quando o som se transforma numa palavra plena de sentido. Portanto, penetramos mais intimamente no mundo exterior quando não percebemos meramente com o sentido da audição algo que soa, e sim quando percebemos, por meio do sentido da palavra, algo que tenha significado.

Por outro lado, porém, ao perceber a palavra não me interiorizo tanto no objeto, a partir de seu exterior, quanto ao percebê-lo pelo sentido do pensamento. Isso a maioria das pessoas já não consegue distinguir. Contudo, existe uma diferença entre a percepção da mera palavra, do soar pleno de sentido, e a verdadeira percepção do pensamento por detrás da palavra. A palavra já é percebida quando está separada do pensamento, por meio de gravações, ou mesmo quando se trata de palavra escrita.

Porém no relacionamento vivo com o ser que emite a palavra posso transportar-me

imediatamente, por meio dessa palavra, para dentro desse ser que aí está pensando, desse ser capaz de representações mentais, e isto requer um sentido mais profundo do que o mero sentido da palavra — isto requer o sentido do pensar, como eu gostaria de denominá-lo.

E um relacionamento mais íntimo com o mundo exterior do que o sentido do pensar nos é dado por aquele sentido que nos possibilita sentir-nos unos com outro ser, que nós passamos a sentir como a nós mesmos. Isso acontece ao percebermos — por meio do pensar, do pensar vivo que nos é enviado por um ser — o eu desse ser: é o sentido do eu.

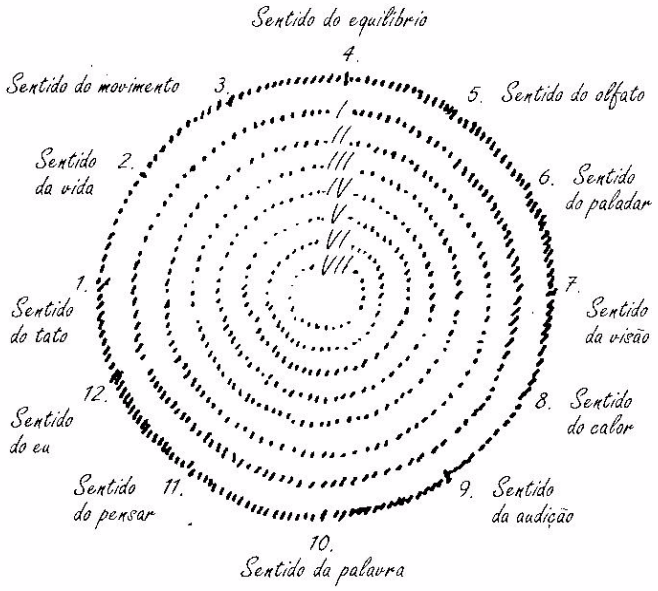
Vejam os Senhores: precisamos realmente distinguir entre o sentido do eu que percebe o eu alheio — e a percepção do próprio eu. Essa diferença não existe apenas porque percebemos ora o próprio eu, ora o eu alheio; ela também existe com referência à sua origem. O germe da capacidade que cada pessoa tem de perceber a outra foi implantado já no antigo Saturno, juntamente com as predisposições dos sentidos — ou seja, o que podemos perceber em outras pessoas como sendo o eu nos foi implantado já no antigo Saturno, juntamente com as predisposições dos sentidos. Nós só obtivemos nosso eu durante a evolução da Terra; esse eu, portador das características interiores da alma, não é a mesma coisa que o sentido do eu. As duas coisas devem ser distinguidas muito bem uma da outra.

Quando falamos no sentido do eu, falamos na capacidade humana de perceber um outro eu. Os Senhores sabem que sempre falei favoravelmente a respeito da verdade e da grandeza da ciência materialista. Já proferi palestras aqui tendo em vista a ampla aceitação dessa ciência materialista; contudo, temos de aprofundar-nos amorosamente nessa ciência materialista para, também amorosamente, enxergar seu lado frágil. A maneira como essa ciência aborda os sentidos só adquiriu uma certa ordem nos dias de hoje. Só atualmente é que os fisiólogos começam a distinguir pelo menos o sentido da vida, o sentido do movimento, o sentido do equilíbrio, assim como começam a separar o sentido do calor do sentido do tato. Os outros sentidos já citados aqui, esses a ciência materialista não distingue.

Portanto, o que chamamos de vivência do próprio eu, peço-lhes que distingam bem da capacidade de perceber um outro eu. A partir de um profundo amor pela ciência materialista — porque esse profundo amor nos possibilita compreender realmente a questão digo que, no referente a essa percepção do eu alheio por meio do sentido do eu, a ciência materialista atual está sendo assaltada por concepções tolas. Sua tolice aparece quando ela fala sobre a maneira de se conduzir do homem quando ele põe o sentido do eu em movimento, pois essa ciência materialista nos quer fazer crer que, quando uma pessoa se encontra com outra, deduz inconscientemente o eu alheio a partir dos gestos, da mímica e de mais coisas que a outra pessoa faz, tratando-se assim de uma conclusão inconsciente sobre o eu alheio. Isso é um completo absurdo! Na verdade, assim como percebemos imediatamente uma cor, nós percebemos o eu alheio quando nos deparamos com ele. Achar que deduzimos o eu a partir da percepção corpórea é algo de uma total estupidez, pois obscurece o fato real, o fato de existir no homem um profundo sentido para compreender o outro eu. Assim como por meio da visão percebemos o escuro, o claro, as cores, também percebemos imediatamente os outros eus por meio do sentido do eu. Trata-se de um relacionamento sensorial com o outro eu. Nós temos de vivenciar isso. E, assim como a cor age sobre mim por meio da visão, o outro eu age sobre mim por meio do sentido do eu. Quando chegar a hora apropriada, falaremos sobre o órgão do sentido do eu do mesmo modo como podemos falar de um órgão sensorial para o sentido da visão. Só que, em se tratando do sentido da visão, é mais fácil constatar sua manifestação material do que em se tratando do sentido do eu. Mas tudo isso existe.

Quando, de certo modo, refletimos sobre esses sentidos, podemos afirmar que é neles que o nosso organismo se especifica, se diferencia. Ele realmente se diferencia, pois ver não significa perceber sons, a percepção do som não significa ouvir, e ouvir não é, por sua vez, perceber o pensar, e perceber o pensar não é tatear. Esses são, na entidade

humana, âmbitos separados. No organismo humano temos doze âmbitos separados, na área dos sentidos. Peço-lhes que guardem muito bem esta distinção: a de que cada sentido constitui, por si só, um âmbito separado; pois é graças a essa distinção que podemos desenhar esses doze sentidos num círculo, conseguindo reconhecer nesse círculo doze âmbitos separados.




Isto é diferent o, por assim dizer, situadas mais profu a visão está ligado ao olho; trata-se d sentido da audição está ligado ao orga pois a audição faz muito mais uso do lo que o do ouvido —, porém o ouvido os dos sentidos são permeados igualme porta o sentido do tato vive —tudo viv dos os âmbitos dos sentidos.

Quando contir diferenciada. Não existe apenas *urna* e o sentido da vida (um dos doze sent rente daquele que agora vou apresen forma como flui através de nós; isso está apresentado no esquema acima. no que em repouso no organismo. A vida, porém, pulsa por todo o organismo e é, por sua vez, diferenciada.

De início temos algo que, de certo modo, precisa estar presente em tudo o que é vivo: a respiração. A relação com o mundo exterior, que se dá por meio da respiração, tem de estar presente, de certa forma, em tudo o que é vivo. Não posso agora entrar em detalhes sobre como a vida, por sua vez, diferencia-se nos animais, nas plantas e nos homens; mas em tudo o que évivo existe, de certa maneira, a respiração. A respiração do homem é renovada constantemente por algo que ele assimila do mundo exterior; e isso beneficia todos os âmbitos sensoriais. O sentido do olfato não pode vigorar — nem o sentido da visão, nem o da audição — se o que a vida obtém por intermédio da respiração não beneficia todos os sentidos. Portanto, ao lado de cada sentido teríamos de escrever: 'respiração'. Nós respiramos, não é mesmo? Mas o que é realizado por meio da respiração, como processo de vida, beneficia todos os sentidos.

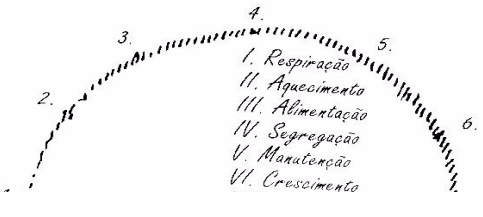
Em segundo lugar, podemos fazer distinções quanto ao aquecimento. Ele ocorre com a respiração, mas é algo diferente da respiração. O aquecimento, o aquecimento que penetra em nosso interior, é uma segunda maneira de manter a vida.

Uma terceira maneira de manter a vida é a alimentação. Temos aqui as três maneiras de, a partir de fora, vir ao encontro da vida com processos vitais: respiração, aquecimento e alimentação. A tudo isso pertence o mundo exterior. A respiração exige um pré-requisito, uma substância que, no caso do homem, é o ar, como também no caso do animal. O aquecimento exige um determinado calor do ambiente com o qual nos relacionamos. Imaginem os Senhores como seria impossível viver com uma temperatura interna correta se a temperatura ambiente fosse mais elevada ou mais baixa! Imaginem se a temperatura fosse cem graus mais baixa: então o aquecimento das pessoas não seria possível — ele cessaria; ou se fosse cem graus acima: os Senhores não iriam apenas transpirar! Da mesma forma, a alimentação é necessária no caso de considerarmos o processo vital como processo terreno.

Agora chegamos aos processos vitais situados mais no interior. Temos então o processo seguinte, que pertence mais ao interior e poderia ser chamado de transformação, de interiorização daquilo que foi assimilado de fora — é a transmutação, a metamorfose do que foi assimilado do exterior. De acordo com o que já foi empregado como terminologia numa outra ocasião, eu gostaria de denominar essa transformação empregando novamente os mesmos termos. Na ciência ainda não existe uma terminologia para isso; temos de criá-la, porque todas essas coisas ainda não foram diferenciadas. A transformação do que foi assimilado de fora e que depende meramente de processos internos, podemos imaginá-la ocorrendo em quatro passos.

O que ocorre internamente em primeiro lugar, depois da alimentação, é a segregação interna. A segregação já ocorre quando o alimento ingerido é assimilado pelo corpo, quando ele se tornou parte do organismo. Não se trata só da segregação para fora, mas também do anúncio daquilo que foi assimilado no interior através das substâncias nutritivas. Em parte a segregação consiste em expelir, mas também consiste na assimilação dos nutrientes. Trata-se da separação executada pelos órgãos que servem à alimentação, ou seja, a segregação para dentro do organismo. Aquilo que é segregado para dentro do organismo tem de ser mantido no processo vital que, por sua vez, é um processo vital mais peculiar e deve ser denominado manutenção. Para poder manter-se, a vida deve não só conservar o que se ingere, mas também ampliá-lo. Tudo o que é vivo está sujeito a uma multiplicação, a um processo de crescimento num sentido mais amplo; o processo de crescimento pertence à vida — a manutenção e o crescimento.

Além disso, faz parte da vida aqui na Terra a criação do todo. O processo de crescimento requer apenas que um elemento crie outro; já a reprodução é um processo situado acima do mero crescimento, gerando um indivíduo da mesma espécie.



Além desses sete processos, não existe mais qualquer processo vital interno. A vida se divide em sete processos. Contudo, não podemos chamá-los de âmbitos; os sete beneficiam todos os doze âmbitos; esses processos vitais vivificam tudo. Portanto, ao considerar tal relacionamento desses sete com os doze, temos o seguinte: 1) respiração; 2) aquecimento; 3) alimentação; 4) segregação; 5) manutenção; 6) crescimento; 7) reprodução — mas de forma a terem relação com todos os sentidos, relação essa que, de certa forma, flui através de todos os sentidos, consistindo em movimento.

Temos de imaginar o homem, em se tratando de um homem vivo, como possuindo os doze âmbitos dos sentidos separados entre si, tendo a vida pulsando através deles de sete maneiras. Escrevam os signos zodiacais junto dos doze âmbitos, e os Senhores obterão o macrocosmo; acrescentem os doze sentidos, e obterão o microcosmo. Escrevam junto dos sete processos vitais os signos dos planetas, e obterão o macrocosmo; escrevam o nome dos sete processos vitais, e obterão o microcosmo. E, do mesmo modo como os planetas, em seus movimentos, se relacionam com os signos do zodíaco ao passar por eles, o processo vital, com sua vitalidade, perpassa sempre os âmbitos dos sentidos em repouso, percorrendo-os. Como os Senhores vêem, o homem, sob vários aspectos, é um microcosmo.

Uma pessoa que conheça profundamente a fisiologia moderna e também a psicologia experimental, tal como hoje é concebida, diria o seguinte: "Essa é uma brincadeira engra çadinha, pois podemos encontrar relacionamentos entre todas as coisas. Se ajeitarmos as coisas de maneira a supor que haja doze âmbitos dos sentidos, chegaremos aos doze signos zodiacais; e, dividindo os processos vitais em sete partes, chegaremos aos sete planetas." Resumindo, podemos achar que tudo isso seja elaborado a partir de uma idéia delirante. Só que não é esse o caso — realmente não: o que hoje se manifesta no homem formou-se e desenvolveu-se paulatinamente. Na época da antiga Lua, os sentidos do homem não eram como hoje. Eu já disse que eram muito, muito mais vivos. Durante a época da autiga Lua, eles eram a base da clarividência onírica. Hoje os sentidos são mais mortos do que naquela época, são mais separados da unidade, do conjunto sétuplo, do processo vital global em sua setuplicidade. Na antiga Lua, os próprios processos dos sentidos ainda eram mais processos vitais.

Quando hoje vemos ou ouvimos, já se trata de um processo bastante morto, de um processo muito periférico. Durante a antiga Lua, a percepção não era tão morta assim. Tomemos, por exemplo, o sentido do paladar. Como ele é aqui na Terra, isso todos sabem. Durante a época da antiga Lua ele era diferente. O degustar era um processo em que o homem não se separava tanto do mundo exterior como agora. Agora o açúcar está fora a pessoa tem de lambê-lo inicialmente, para depois desencadear-se um processo interno. Nesse caso, temos de distinguir muito precisamente entre o subjetivo e o objetivo. Durante a época da antiga Lua, não era isso o que ocorria. Aí havia um processo muito mais vivo, sendo que o subjetivo e o objetivo não se diferenciavam tanto. O processo de degustação era um processo muito mais vivo, relativamente semelhante ao processo da respiração. Quando respiramos, ocorre algo real em nós. Nós inspiramos o ar, mas ao fazê-lo acontece algo com toda a nossa formação sangüínea pois tudo isso faz parte da respiração, uma vez que a respiração é um dos sete processos vitais; e, nesse caso, não é possível fazer uma grande distinção. Portanto, 'fora' e 'dentro' se pertencem mutuamente: o ar de fora, o ar de dentro; ao se dar o processo da respiração, dá-se um processo real. Isso é muito mais real do que ao degustarmos. É bem verdade que no degustar temos uma base para a nossa consciência atual; mas o degustar, na antiga Lua, era muito mais um processo onírico, assim como hoje é o processo da respiração.

No processo respiratório nós não somos tão conscientes como no atual processo da degustação. Na antiga Lua, o processo da degustação era como é hoje o processo da respiração; o homem não tinha, ao degustar, um prazer maior do que o que possuímos hoje ao respirar, mas também nem almejava outra coisa. O homem ainda não era um gastrônomo e nem o podia ser, pois só podia consumar seu processo de degustacão à

medida que, pelo degustar, algo se efetuava nele próprio, algo ligado à sua manutenção, ao seu existir como um ser lunar vivo.

Durante a época da antiga Lua, o mesmo se dava, por exemplo, com o processo da visão. Não era de fora que se olhava para um objeto, não era de fora que se percebiam as cores: os olhos viviam dentro da cor, e a vida era sustentada pela cor que entrava pelos olhos. Os olhos eram uma espécie de órgão de respiração de cores. A constituição vital dependia do relacionamento que se tinha com o mundo exterior através dos olhos, quando o processo de percepção entrava por eles. Durante a época da antiga Lua os homens expandiam-se, ampliavam-se quando entravam no azul e se contraíam quando ousavam entrar no vermelho: expansão—contração, expansão—contração. Isso estava ligado à percepçao cromática. Assim, todos os sentidos ainda mantinham um relacionamento mais vivo com o mundo exterior e com o mundo interior, tal como o mantêm hoje os processos vitais.

Como era o sentido do eu na antiga Lua? O eu só se ligou ao homem na Terra, não tendo portanto, na Lua, uma razão de ser. Não se podia perceber um eu; o sentido do eu ainda não podia existir. Também o pensar tal como o percebemos hoje, tal como o descrevi anteriormente, o pensar vivo, está relacionado com a consciência da Terra. O sentido do pensar como possuímos hoje ainda não existia na antiga Lua. Naquela época os homens tampouco falavam. Na antiga Lua ainda não existia a maneira atual de percebermos a fala de outra pessoa; portanto, tampouco existia o sentido da palavra. A palavra vivia inicialmente como o *Logos* permeando sonoramente o mundo todo, e também permeava o ser humano de então. A palavra tinha um significado para o homem, mas ele ainda não percebia a palavra nos outros seres.

O sentido da audição já existia, sendo, porém, muito mais vivo do que é hoje. De certo modo, como sentido a audição estancou, aqui na Terra. Via de regra, ficamos bem quietos ao escutarmos. Nada se modifica substancialmente em nosso organismo quando ouvimos, a não ser que o tímpano se rompa por meio de um som qualquer. Dentro do nosso organismo, ficamos imóveis; percebemos o som, o elemento sonoro. Não era o que ocorria na época da antiga Lua. Lá o som vinha, era ouvido, mas todo o ouvir era acompanhado de uma vibração interna — participava-se vivamente do som. O que se denomina palavra universal também era acompanhado por uma participação viva, mas não era percebido. Portanto, não podemos falar de um sentido, mas o homem na antiga Lua participava desse soar que hoje é a base do sentido da audição. Se o que hoje escutamos como música tivesse soado na antiga Lua, não teria sido possível meramente a dança exterior, mas também a dança interior; e então todos os órgãos internos, com poucas exceções, se comportariam da mesma maneira como se comporta, como se movimenta internamente minha laringe quando faço o som passar por ela. O homem todo era internamente vibrante, harmônica ou desarmonicamente, e percebia essa vibração por meio do som. Era realmente um processo que se percebia, mas que era acompanhado vivamente: um processo vital.

Do mesmo modo, o sentido do calor era um processo vital. Hoje nós somos relativamente passivos diante do que nos rodeia: temos a sensação de quente ou frio. É certo que participamos sutilmente dessa vivência, mas na antiga Lua vivenciava-se essa participação de modo tal que toda a disposição vital se modificava quando o calor aumentava ou diminuía. Havia, portanto, uma vivência participativa muito mais forte; assim como o homem vibrava juntamente com o som, também se aquecia e se resfriava internamente e sentia esse calor e esse frio.

Já descrevi como era o sentido da visão na antiga Lua. Vivia-se com a cor. Certas cores provocavam um aumento da configuração, outras uma contração. Hoje nós só vivenciamos isso simbolicamente. Não encolhemos mais diante do vermelho e não estufamos mais diante do azul, mas na antiga Lua nós o fazíamos.

O sentido do paladar eu já descrevi.

O sentido do olfato estava intimamente ligado aos processos vitais, na antiga Lua.

Lá também já existia, já era utilizado, o sentido do equilíbrio.

O sentido do movimento era até muito mais vivo.

Hoje nós vibramos muito pouco — movimentamos nossos membros, mas tudo chegou mais ou menos a uma quietude, tornou-se morto. Porém imaginem o quanto esse sentido do movimento precisava perceber quando ocorriam todos aqueles movimentos, como o tremor ocasionado pelo som. O som era percebido, vibrava-se com ele, mas essa vibração interna tinha de ser percebida novamente pelo sentido do movimento quando o próprio homem o provocava, e imitava o que era despertado nele pelo sentido da audição.

O sentido da vida: — Pelo que descrevi, agora os Senhores podem deduzir que o sentido da vida, na antiga Lua, não podia ser como é na Terra. Tínhamos de participar da vida muito mais como de algo genérico. Vivíamos muito mais inseridos no que é genérico. A vida interior não era limitada pela pele. Nadava-se dentro da vida. Como todos os órgãos, os atuais órgãos dos sentidos eram, naquela época, órgãos da vida; o homem não precisava de um sentido da vida, pois todos os órgãos eram órgãos da vida; eles eram vivos e, de certa maneira, percebiam-se a si mesmos. Na antiga Lua não havia necessidade do sentido da vida.

O sentido do tato só apareceu com o reino mineral, mas o reino mineral é o resultado do desenvolvimento da Terra. Na antiga Lua o sentido do tato não existia tal como existe na Terra, onde se desenvolveu por meio do reino mineral. Na antiga Lua ele tinha tão pouco sentido quanto o sentido da vida.

Se contarmos quantos sentidos sobraram, tendo-se transformado em órgãos da vida, chegaremos a sete. A vida tem sempre uma composição sétupla. Na antiga Lua não existiam os cinco sentidos que se acrescentam na Terra e que completam os doze, por se tratarem de âmbitos fixos como os âmbitos do zodíaco. Sobram apenas sete da antiga Lua, onde os sentidos ainda estavam em movimento, onde eles mesmos ainda eram eram vivos. Portanto, na antiga Lua a vida, onde os sentidos estão mergulhados, desmembra-se em sete partes.

Esta é apenas uma parte pequena e elementar do que deve ser dito para mostrar que estas idéias não são arbitrárias, e sim uma observação viva dos fatos do mundo supra-sensível, que por ora não chega aos sentidos do homem em sua existência terrena. Quanto mais avançamos na observação dos mistérios do mundo, e quanto mais nos dedicamos realmente a isso, mais constatamos que esse relacionamento dos doze com os sete não é uma brincadeira, e sim algo que permeia todo o existir. Nem é brincadeira o fato de ele ter de exprimir-se exteriormente por meio da relação das configurações zodiacais fixas com os planetas em movimento, e também por ser o resultado de uma parte do grande mistério dos números na existência do mundo. A relação entre os números doze e sete exprime um profundo segredo da existência, exprime o segredo dentro do qual o homem se situa, como ser sensorial, em sua relação com o ser da vida, consigo mesmo como ser vivo. O número doze contém o segredo de podermos acolher um eu. Foi pelo fato de se terem tornado doze âmbitos em repouso que os nossos sentidos se tornaram a base da consciência do eu na Terra. Por terem sido ainda órgãos da vida durante a época da antiga Lua, o homem só podia ter, então, o corpo astral; o número sete é o embasamento misterioso do corpo astral, assim como o número doze embasa misteriosamente a natureza do eu, do eu humano.